

Convertei-vos e vivereis



Queridos irmãos e irmãs!

O tempo excepcional em que vivemos há mais de um ano talvez esteja se tornando um tempo normal. Não porque nos acostumamos aos inconvenientes e dificuldades causados pela pandemia, e ainda menos com o sofrimento das suas vítimas, mas porque percebemos que este tempo é a realidade que devemos atravessar, sem "pular", e nada é mais normal do que a realidade. Mas também podemos dizer que é a própria excepcionalidade deste tempo que o torna normal, porque se estivéssemos atentos e conscientes, perceberíamos que a realidade é sempre excepcional, que a realidade é sempre mais excepcional do que a normalidade que sonhamos.

Se vivéssemos a realidade da vida com a consciência que a cada instante tudo é criado e dado por Deus, reconheceríamos que a realidade é um milagre, e viveríamos com estupor também os tempos de crise, adorando em tudo Deus, Criador e Pai. Assim vivia Jesus cada instante de sua vida terrena.

O que nos pede a realidade?

Quando, como agora, a realidade está em crise e revela a sua face dramática, percebemos que esta nos pede mais, que nos faz ouvir mais alto a sua pergunta, a sua necessidade de senso. Não é apenas a realidade do tempo de pandemia que exige uma resposta. A realidade humana sempre é dramática, é um pedido insistente. Também a situação da nossa Ordem, a situação das comunidades e pessoas, é dramática, está sempre "em crise", e por isso nos pede alguma coisa. Somos questionados pela fragilidade de nossas comunidades, pela falta ou pela pouca perseverança das vocações, pelo individualismo ou pelo pouco fervor, pela pouca alegria, de muitos entre nós, em viver a fé e a vocação. Mas nos questiona ainda mais a realidade de tanta fidelidade, de tanta capacidade de sacrifício e serviço, a realidade de tanta santidade que, de forma escondida vivem muitos membros da Ordem e de toda a Igreja. Quando encontro a fidelidade heroica feliz, apesar de tudo, de tantos monges e monjas, de tantos leigos ou pastores na Igreja, ou talvez de pessoas que não creem, não posso não me sentir questionado, chamado a uma resposta que Deus também me pede.

Mas qual é a resposta apropriada para toda esta questão da realidade atual?

Antes de tudo, devemos admitir que a realidade nos exige muito mais do que podemos dar ou ser. Não somos capazes de responder à grande e insistente questão da realidade. Então, o que fazer? Fingimos que a questão não exista? Mas, a dramaticidade da situação atual torna cada vez mais difícil escapar da insistente questão da realidade. Precisamos dar uma resposta que, embora não venha de nós, seja real como a realidade que tanto nos pede.

O tempo da Quaresma, assim como as insistentes admoestações do Papa e o testemunho dos santos, nos lembram que uma resposta podemos expressá-la, mesmo sem possuí-la. Esta resposta é a **conversão**.

A graça das graças

Papa Francisco termina sua preciosa Carta Apostólica *Patris corde*, dedicada a São José, com uma frase surpreendente: "Só nos resta implorar, de São José, a graça das graças: a nossa conversão." (§7)

A nossa conversão é uma graça, ao melhor: a graça das graças, porque nos abre a todos os dons que Deus quer nos dar, até o dom de estar para sempre unidos com Ele, na vida eterna. "Convertei-vos e vivereis", é a promessa que Deus faz ao povo através do profeta Ezequiel (18,32). Mas a nossa conversão não é apenas a graça que devemos pedir: é também o que Deus pede à nossa liberdade. De fato, no início de sua vida pública, Jesus faz sua a questão que a realidade nos põe, e assim nos revela qual é a resposta que somos chamados a dar: "Convertei-vos e crede no Evangelho" (Mc 1,15); "Convertei-vos, porque o Reino dos Céus está próximo" (Mt 4,17).

Se não queremos deixar sem resposta, a realidade que nos interroga, se não queremos ficar passivamente e estéril diante da crise global do tempo presente, é importante que acolhamos a graça da conversão como resposta a Cristo, que nos permite responder a completa realidade.

Levar nossa conversão a sério é uma grande responsabilidade, porque Deus, misteriosamente, colocou em nossa conversão a resposta para a questão dramática do mundo inteiro. Toda a história do monaquismo cristão, desde Santo Antão abade até os santos monges e monjas de hoje, como os bem aventurados Irmãos de Tibhirine, sempre foi impulsionada pelo desejo de abraçar a conversão como resposta que Cristo nos permite aceitar e transmitir, à questão sobre o senso de toda a humanidade. Tanto que São Bento fez um dos três votos essenciais para viver no mosteiro: o voto da *conversatio morum*, que talvez se pode traduzir livremente como um "caminho de conversão comunitária da vida", ou seja, uma vida que, guiada pela obediência em uma estabilidade comunitária, permite se converter constantemente ao Evangelho, seguindo Cristo Senhor (cf. RB 58,17).

Medo de se converter

Jesus, quando explica por que fala em parábolas, cita uma passagem de Isaías na qual o subtrair-se dos que se opõem à revelação de Deus em Cristo, é explicado como "medo de se converter" (cf. Mt 13,15; Mc 4,12; Is 6,10). São Paulo também, diante da resistência dos judeus de Roma, citando as mesmas palavras de Isaías, decide priorizar o anúncio do Evangelho aos pagãos (cf. At 28,25-28).

De onde vem este medo de se converter, literalmente de "retornar" ao Senhor que nos salva e cura? Devemos reconhecer que muitas vezes este medo também está presente em cada um de nós, e às vezes obstaculiza o caminho e a liberdade de comunidades inteiras.

Por que tememos a conversão? Talvez porque pensamos apenas em nós mesmos e vivemos tudo no horizonte fechado e exclusivo do nosso "eu". A conversão quer romper este bloqueio. Converter-se significa, de fato, voltar para Aquele a quem pertencemos. Na parábola do pai misericordioso de Lucas 15, a conversão começa quando o filho perdido, até então preso na busca de si mesmo que o distanciou de seu pai e irmão, entende que a sua vida só pode renascer voltando para casa: "Voltarei para casa de meu pai" (Lc 15,18). São Pedro também descreve a conversão como um retorno das ovelhas perdidas ao bom Pastor das almas: "Porque éreis como ovelhas perdidas, mas agora retornastes ao Pastor e guarda de vossas almas" (1 Pd 2,25).

Por que ter medo disto? Certamente uma das razões é a falta de consciência e experiência da ternura do Senhor. Mas é só voltando a Ele que o homem pode fazer experiência desta bondade misericordiosa, como o filho pródigo que, voltando para casa para ser apenas um trabalhador que recebe o pão necessário, descobre em vez que a sua conversão o levou a um abraço paterno, transbordando de ternura e perdão, que lhe faz ser totalmente filho e irmão (cf. Lc 15,20-24). A ovelha perdida, voltando ao rebanho, descobre a alegria infinita que o pastor sente ao encontrá-la (cf. Lc 15,4-7).

Mas não é apenas a pouca consciência da bondade de Deus, que nos faz temer a conversão. Muitas vezes não voltamos porque temos medo de renunciar a autonomia com a qual concebemos a salvação de nossa vida. Temos medo de confiar, porque achamos que a pretensão de nos salvar sozinhos seja, para nós, um espaço de liberdade e auto realização. Graças a Deus, a insatisfação e o vazio que sentimos vivendo assim, nos empurram a sair desta oclusão em nós mesmos para começar a confiar em um Outro, que depois descobrimos ser Pastor bom e Pai. Começamos a entender que para sermos livres, precisamos de uma Redenção que não somos nós que realizamos. O medo da conversão é vencido somente pela nossa profunda necessidade de Redenção.

Transformados pelo seu olhar

Quando a necessidade de salvação nos faz retornar, talvez apenas fisicamente, em direção a um Redentor que não seja nós mesmos, e experimentamos um novo encontro com Ele, começa para nós um caminho de conversão profunda. Não se trata apenas de voltar para Deus, mas de nos deixar transformar por sua graça. Inicia o que o Novo Testamento chama de *metanoia*, ou seja, uma transformação da mente, alma, pensamento, do coração; muda a concepção que temos de nós mesmos, de Deus, dos outros e de toda a realidade. Se voltarmos ao "pastor e guarda de nossas almas" (cf. 1 Pd 2,25), Ele mesmo nos leva a fazer um caminho de conversão, no qual o Espírito transforma o nosso coração de pedra em coração de carne, manso e humilde como o coração do Nazareno (cf. Ez 36,26).

Esta conversão do coração só se torna possível retornando a Jesus Cristo. Retornar ao Senhor significa nos encontrar onde está o seu olhar, a sua Face voltada para nós, portanto onde está a sua compaixão e consolação, da misericórdia do Pai que Jesus nos transmite, onde está a sua amizade. Voltar para Cristo significa nos encontrarmos na relação de amizade com o Redentor do homem. Nada pode nos transformar mais e melhor do que a Redenção de Cristo na Cruz. A redenção nos transforma tão profundamente ao ponto de nos recriarmos na amizade filial com Deus.

Voltar a Jesus – mas na realidade é sempre Ele que vem até nós, para nos procurar mesmo quando estamos muito longe de Deus – permite que a sua presença transforme nossos corações com um único olhar, como Pedro no pátio do sumo sacerdote (cf. Lc 22,61-62), e especialmente nas margens do mar quando Jesus – quem sabe com qual olhar! – pede a Pedro seu amor e para apascentar seu rebanho com o novo coração que lhe dá (cf. Jo 21,15-17). Neste encontro com o Redentor ressuscitado, Pedro se descobre definido por Jesus mais que por si mesmo e pela própria miséria e infidelidade. Se descobre definido por um amor maior do que seu limite, seu pecado, sua traição, e também seu medo de não saber amar Cristo e seus irmãos até a morte.

É na relação com Jesus que nos convertemos realmente, que muda o nosso coração. Não por nossa capacidade e mérito, mas por graça. Todo o nosso esforço de conversão é voltar para Ele, de recorrer a Ele, à Ele que já está todo voltado para nós a ponto de se fazer homem e tomar sobre si a nossa morte e o nosso pecado.

Devemos pensar nisto quando retornamos a tudo aquilo que faz o Senhor presente em nossa vida, como São Bento nos convida falando sobre o tempo da Quaresma (RB 49). Por exemplo, quando retornamos à vida fraterna de nossa comunidade, aos sacramentos, à Palavra de Deus, ao ensinamento da Igreja, ou ao irmão e irmã que precisa de nós, ao pobre que está fora da nossa porta. Todos estes "retornos" ao Senhor nos fazem entrar no lugar onde Ele muda o coração. Todos estes retornos ao Redentor, nos abrem à surpresa e ao milagre de descobrir que é exatamente onde temíamos ir, que encontramos Jesus e lhe permitimos nos dar um novo coração, transbordando de amor e alegria. É a grande surpresa pascoal dos discípulos de Emaús: "Nossos corações não queimavam enquanto ele conversava conosco ao longo do caminho?" (Lc 24,32)

A nossa oferta nas mãos de Cristo

Este retorno a Cristo é a verdadeira oferta da nossa vida e de tudo o que vivemos. A oferta cristã sempre tem uma natureza eucarística, é um colocar-se como pão e vinho ou como os cinco pães e dois peixes, nas mãos de Cristo Redentor que nos une à sua oferta ao Pai, para a salvação do mundo.

Contava recentemente a um grupo de pessoas envolvidas no mundo do trabalho, como uma noite, no final de um daqueles dias um pouco concludentes, que desde que sou abade geral são bastante frequentes, ou seja, aqueles dias em que gostaríamos de fazer sabe lá o que, mas depois parece não ter feito nada porque o tempo foi engolido por mil pedidos e solicitações, que no fim nos faz sentir culpado e preguiçoso, mesmo sem saber o porquê, enfim: no final de um dia como este, parei para olhar Jesus, em silêncio, ajudado por uma estatueta de madeira de um Cristo da Paixão, sentado e pensativo, do olhar intenso e questionador, que trouxe anos atrás de Cracóvia. Entendi, então, que a ordem que queria colocar, de qualquer jeito, para o meu dia, traía uma abordagem errada do problema da vida. Entendi – não é a primeira vez, mas toda vez parece entender pela primeira vez – que o problema não é que a vida seja organizada, ordenada ou eficiente, mas que seja *doada*. Entendi que, para ser verdadeiramente doada, a vida deve ser de Cristo, pertencer a Ele, nas suas mãos ou, mas é a mesma coisa, no seu Coração. Porque Cristo, Deus, nunca guarda nada para si. Cristo doa tudo, tudo o que é e tudo o que tem. Se Ele me tem, me dá. Se eu pertencço a Ele, Ele me doa. Se sou todo Seu, sou tudo para todos.

A Redenção, que literalmente significa "comprar de novo", se a acolhemos, se nos deixamos envolver e penetrar, nos torna propriedade de Cristo, nos torna seus. Nos tornamos escravos de um Senhor que não tem nada para si, que doa tudo. Nos tornamos escravos de um dom total, de uma gratuidade total. A Redenção de Cristo nos compra para a gratuidade de Deus, nos ganha para a caridade e, portanto, uma liberdade humanamente inconcebível.

Fazer esta experiência, fruto da conversão, nos dá uma grande liberdade, especialmente do medo de doar nossas vidas, ou melhor de perdê-la. Na crise atual, muitas vezes em nós existe o medo de morrer. Por exemplo, tememos muito, e com razão, o enfraquecer de nossas comunidades cada vez mais frágeis. Mas se vivemos isto também como questão de conversão, de retornar a Cristo para nos entregarmos em suas mãos, vemos que a nossa morte é imediatamente um dom de Cristo, um dom Seu e dele, e podemos vivê-la com esperança, ou seja, certos de que a semente que Ele joga no campo sempre dá frutos, como só Ele sabe e quer. Nas mãos de Cristo nos tornamos sementes dispersas para reproduzir no campo do mundo, o mistério pascal da morte e ressurreição do Senhor. Só isto torna a vida fecunda, fecunda para o Reino, e nos permite atravessar cada prova e cada experiência de fragilidade com uma paz que dá testemunho ao Pai bom, que pensa em tudo e cuida de todos.

Como São Paulo escreve aos romanos: "Também vós estais mortos para a Lei, pelo sacrifício do corpo de Cristo, para pertencerdes a outrem, àquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que demos frutos para Deus." (Rm 7,4)

Unidos em uma estrada sempre aberta

A disposição para a conversão e oferta também nos livra dos erros e atitudes falsas que impedem nosso caminho. É como ter sempre um caminho aberto diante de nós, o caminho da esperança, o caminho de uma novidade, de uma mudança sempre possível. A conversão é o novo caminho que Cristo abre diante de nós quando nos diz e repete ternamente seu convite: "Segui-me!"

É importante que não esqueçamos que é isto que nos une, na humanidade, entre todos os cristãos, na Igreja, bem como em cada comunidade. Não é a perfeição que nos une, mas a conversão. Podemos estar unidos somente em caminho, visando a perfeição da caridade e santidade que todos encontraremos no Céu.

A perfeição neste mundo é a nossa constante conversão. Talvez tenhamos medo da conversão porque acreditamos que nos peça para ser perfeitos e não de estarmos em caminho rumo a uma perfeição, que é graça de Deus. Tememos ser chamados a morrer ao invés de viver com plenitude. Conversão significa caminhar com Jesus, segui-lo, estar com Ele, mesmo que sejamos sempre pobres pecadores. O que poderia ser mais bonito neste mundo?!

É assim que São Bento pede aos irmãos ou irmãs de cada mosteiro que permaneçam unidos. A *conversatio morum* nos une no caminho de conversão; uma unidade que já é perfeita apenas na caridade em suportar com paciência e sem desprezo a imperfeição uns dos outros. Quão bonita será a comunidade que não pretenderá estar unida pela perfeição, mas pela conversão! Porque será unida pela caridade da fé atada na esperança.

Para todos os batizados, a conversão significa responder ao chamado e missão de nos deixar redimir profundamente para viver como filhos e filhas de Deus, que transmitem a todos, fraternamente, a ternura do Pai.

Feliz caminho de Quaresma! E peçamos uns aos outros, como nos ensina São Bento, a graça de poder viver este tempo de espera pela Páscoa "na alegria do Espírito Santo" (RB 49,6).



Ir. Mauro-Giuseppe Lepori
Abade General OCist